

KUPFER, D. A Diplomacia da Manufatura. *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 13/01/2014. Disponível em: <https://valor.globo.com/opinia0/coluna/a-diplomacia-da-manufatura.ghtml>.

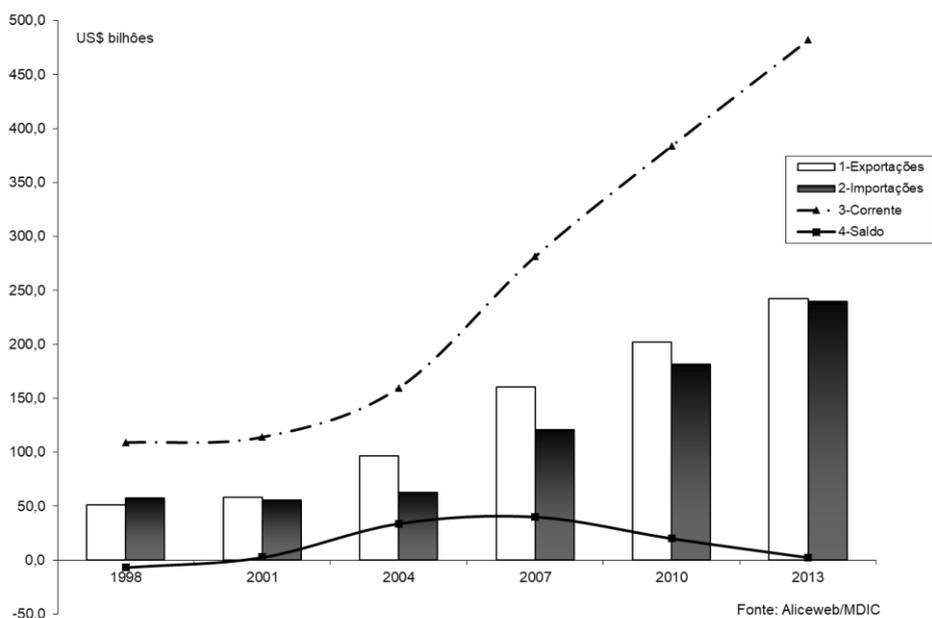
A Diplomacia da Manufatura

13/01/2014

A divulgação dos dados do comércio exterior do Brasil em 2013 mostrando um saldo ligeiramente positivo, de aproximadamente 2,5 bilhões de dólares, disparou uma celeuma sobre critérios de apuração desses valores que em parte ofuscou o debate muito mais essencial sobre a trajetória de longo prazo que a balança comercial vem percorrendo. Tudo bem que números positivos que se tornam negativos ou vice versa embutem uma sedutora carga simbólica. Tudo bem ainda que os comentaristas de resultado preferam se concentrar em números absolutos pois são eles que permitem construir as análises do tipo “o melhor (ou o pior) desempenho em tantos anos”. Mas os economistas preocupados com os fundamentos normalmente observam as variações mais do que os níveis. No quadro atual da economia mundial, se a balança foi superavitária ou deficitária é menos importante do que a amplitude das variações que ela vem apresentando ano após ano.

Com o intuito de evidenciar essas variações construiu-se um gráfico mostrando a evolução da balança comercial brasileira nos últimos 15 anos. As barras claras e escuras registram os valores alcançados respectivamente pelas exportações e importações em anos selecionados do período. As linhas clara e escura registram os montantes atingidos pelo saldo (a diferença entre exportações e importações) e pela corrente de comércio (a soma dos dois fluxos).

A evolução da balança comercial



Pode-se perceber que a balança comercial brasileira percorreu um duplo movimento ao longo desses últimos 15 anos. Primeiro, o saldo cumpriu um ciclo que, na falta de nome melhor, será aqui batizado como “Ciclo China”. Após um déficit de 6,6 bilhões de dólares em 1998, as exportações empinaram, excedendo as importações em valores da ordem de 40 bilhões de dólares entre 2004 e 2007. Daí, foi a vez de as importações dispararem, erodindo o saldo até o valor quase nulo obtido no ano passado. Já o movimento exibido pela corrente de comércio é completamente diferente. Tendo partido de 109 bilhões de dólares em 1998, a corrente cresceu exponencialmente até atingir 482 bilhões de dólares em 2011, quando então se estabilizou. Se o saldo pode ser interpretado como um indicador ex-post de competitividade e a corrente de comércio, quando tomada como proporção do PIB, como um indicador do grau de abertura comercial de uma economia, então duas constatações podem ser extraídas.

Primeiro, o Brasil está novamente às voltas com um problema de hiato de competitividade. Só que agora com um grau de abertura superior a 20%, compatível com o de países semelhantes em dimensão territorial e populacional. E isso pode fazer toda a diferença, especialmente diante da retomada dos EUA e de melhora da situação da Europa e do Japão que, mesmo que não esperadas para o futuro imediato, estão sendo projetadas para os anos vindouros.

Antes de tudo, para o Brasil é bom não depender somente do crescimento chinês. No entanto, é necessário não perder de vista o formidável desafio que um eventual retorno a um mundo economicamente multipolar traz. Ao contrário do Ciclo China, durante o qual foi possível ao Brasil colocar-se como economia complementar, com relação a EUA, Europa e mesmo o Japão isso não acontece. São todas elas economias competitivas com a brasileira, ainda mais diante do novo perfil industrial requerido para o ingresso do país em uma nova fase de desenvolvimento.

O Brasil é um “global trader”. Por isso a política externa de não alinhamento é uma inexorabilidade.

Olhando a ferro e fogo, o fim do Ciclo China irá deixar como herança um padrão de inserção internacional no qual o Brasil exporta produtos simples e importa produtos complexos, o que só é sustentável em países que tenham custos muito baixos. Com os atuais custos elevados incorridos pela economia brasileira, não há saída que não buscar a inserção contrária. São as dificuldades em avançar em direção a essa transformação estrutural que vem exigindo, compensatoriamente, um permanente esforço de aumento das escalas produtivas, visando contrabalançar os altos custos sistêmicos com rodadas adicionais de redução dos custos unitários. Porém, essa estratégia está encontrando seus limites pois já há alguns anos o crescimento das escalas vem pressionando os custos de infraestrutura energética e logística, levando a um círculo vicioso que precisa ser quebrado.

O Brasil é um “global trader” não porque vende tudo para todos mas porque vende muitos produtos diferentes para muitos parceiros diferentes. Por isso, para o Brasil a política externa de não alinhamento é uma inexorabilidade. É necessário negociar com os EUA, Europa e Japão a abertura de seus mercados porque o país precisa exportar mais e melhor. Mas isso não deverá vir pela via mexicana do alinhamento total, como deixam patente os parcos resultados alcançados por esse país em termos de crescimento econômico e progresso social após quase 20 anos de integração comercial no Nafta. E aí que uma corrente de comércio de quase 500 bilhões de dólares confere ao Brasil a possibilidade de desenhar horizontes mais ousados para a sua diplomacia da manufatura.